

A sociedade pos-industrial.

Os modelos que informam as experiências, os desejos, os conhecimentos, e portanto os atos e os sofrimentos, de uma dada sociedade, (e que o fazem em parte inconscientemente), são relativamente constantes. Ultrapassam via de regra a duração de uma vida individual, e, às vezes, a de gerações inteiras. Por isto são chamados, em determinados contextos, "valores eternos" ou "formas imutáveis". Tal estabilidade relativa os torna dignos de confiança, e essa confiança, (a fé), constitui a base de toda sociedade. No entanto modelos podem mudar e podem ser mudados, e nos sabemos desse fato melhor que não importa que geração precedente. O fato de conhecermos a plasticidade dos modelos nos torna "modernos", já que a modernidade, (em oposição à antiquidade), é precisamente a convicção que modelos são modeláveis, e que "teoria" não é contemplação, mas modelagem de modelos.

Quando um modelo muda no curso de uma vida, fica-se perturbado, porque a confiança em todos os modelos sofre. E quando toda uma série de modelos muda no curso de uma única geração, (como tem acontecido durante os últimos dois séculos), a base mesma da sociedade treme. Mas o clima de tal terremoto, de tal crise de confiança, depende do tipo de modelo que muda. Se mudam os modelos de conhecimento, (se o que está acontecendo é "crise científica"), o evento é vivenciado como "progresso". Se mudam os modelos da experiência, (se o que está acontecendo é "crise artística"), o evento, embora de importância primordial, geralmente não alcança o nível da consciência. E se mudam os modelos do comportamento, (se o que está acontecendo é "crise político-social"), o evento é vivenciado como catástrofe.

Os modelos que informam uma dada sociedade constituem uma espécie de sistema frouxo, uma "mitologia". De maneira que todo modelo implica vagamente todos os demais. Assim por exemplo as revoluções einsteiniana, dadaísta e russa estão de alguma maneira coligadas. Não obstante é possível manipular-se um dos tipos de modelos sem referência a outros tipos: a crise da física provocada por Einstein pode ser estudada sem referência à revolução simultânea na arte e na política. Mas acontece, às vezes, que a mitologia inteira entra em mutação, que todos os modelos mudam simultaneamente. Em tais casos a crise é geral, a revolução é total, e o que está em cause é a fé fundante da sociedade: não se pode mais fiar em nada. A tese deste ensaio é que é precisamente isto que está acontecendo atualmente.

Segundo a tese aqui defendida a crise atual da fé se manifesta sob varias formas, mas a mais nítida é o encolhimento geral de todos os modelos. Todas as nossas ideias, valores, ideais, visões, teorias, estão se encolhendo. Tal tendência rumo ao minúsculo é tanto mais surpreendente que ainda há pouco tempo a tendência oposta, a rumo au gigantismo, prevalecia. As esperanças ilimitadas de um conhecimento colossal, de satisfações enormes, de consuno sem freio, de poder grandioso, são seguidas de modestia curiosa: metas muito precisas, estratégias dos passos pequenos, exitos limitados, e contentamento na austeridade.

2

O encolhimento geral dos modelos é observável em todos os campos. Na astronomia o modelo newtoniano de um mundo infinito e eterno cede a modélos de espaço-tempo finito e curvo em bolsas de bolsas de gravidade. Em física o interesse se concentra sobre fenomenos de mais em mais efemeros e infimos. A dita "revolução biologica" se dà ao nivel molecular dos organismos vivos. A psicologia passa a estudar os mini-comprtamentos, os ditos "actomas". Em politica são os grupinhos e bandinhos, (as fracções do terrorismo, as seitas religiosas, os grupos "piloto" ou os de pressão), que preenchem o papel outrora exercido pelos movimentos de massa, e os regionalismos do tipo basco e flamengo substituem fenomenos como a Grande revolução ou a Grande Alemanha de antes da guerra. Em arte tendências do tipo "minimal art", happening e composições dodecafonais minimas articulam a nova sensibilidade. Slogans como "think small", "small is beautiful" e "less is more" caracterizam o futuro imediato.

.....

A dita "revolução dos chips", isto é dos instrumentos de mais em mais inteligentes, baratos e pequenos, servirá de exemplo à tese aqui defendida. Há poucos anos ainda parecia como se o artesanato era coisa do passado, e como se o lema "do it yourself" era suspiro saubista do tipo "voltemos à natureza". Atualmente tudo faz crêr qua a sociedade pos-industrial será baseada sobre produção caseira. Tal passagem a partir do artesanato, a travez a industria e rumo ao artesanato pos-industrial, é reveladora da crise atual e merece atenção:

O artesão encara um material, (por exemplo couro), possui um modélo, (por exemplo a ideia de um sapato), e instrumentos, (por exemplo martelo). Sua ação consiste em obrigar o material a entrar no modelo, e o modélo a entrar no material, e isto graças aos instrumentos. O material deve ser modificado porque não é como deve ser, (não é sapato). O modélo deve ser realizado porque não é real, (a ideia do sapato não é sapato). E o instrumento é extensão do seu corpo, (o martelo é seu punho extenso). O artesão é pois engajado na transformação do mundo segundo uma determinada ideia, (na transformação do couro segundo a ideia do sapato). E pode efetivamente fazê-lo, porque o modélo no qual está engajado é ideia a dimensão humana, (sapato humano): anthropos metron panton.

Na industria há máquina com diversas aberturas. Por uma entra material, por outra modélo, por terceira energia, e por uma quarta sai o produto. O material, (por exemplo couro), é fornecido por uma estrutura complexa chamada "mercado das materias primas". O modélo entra na máquina sob forma de ferramenta de aço. A energia é fornecida sob formas diversas por estruturas diversas, (por exemplo a mão de obra pelo mercado do trabalho). E o produto acabado é dirigido rumo a outra estrutura complexa, a do mercado do consumo. Destarte todos os elementos da produção industrial são mutações dos elementos da produção artesanal, e têm caráter radicalmente diferente.

3

As mutações são estas: O material não é mais "mundo", mas emanação de um mundo localizado no além do horizonte da compreensão e da competência do processo de produção. O operário não é mais produtor, mas uma forma de energia. A máquina não é mais extensão de um corpo, mas organismo composto de imitações simplificadas e aperfeiçoadas de órgãos de corpos, organismo no interior do qual corpos funcionam. O produto não é mais material idealizado e ideia materializada, mas mercadoria destinada a mercado que ultrapassa o horizonte do processo produtivo. Mas sobretudo é o modelo que na indústria mudou radicalmente se comparado com o modelo do artesanato.

Para o artesão o modelo é uma ideia de como o mundo deve ser: um ideal, um valor, um imperativo, (o sapato perfeito). Está engajado na realização de tal ideal no couro o mais perfeitamente possível. Por isto sua ação é criticável sob critérios politico-estéticos: por exemplo pode falar-se em "obra prima". Na indústria o modelo é ferramenta produzida por ferramenteiro à base de um prototipo. O prototipo é feito à base de desenhos e cálculos feitos por designers industriais e engenheiros. Tais desenhos e cálculos são, por sua vez, baseados em determinadas teorias. Por certo: por detrás de tudo isto existe uma ideia qualquer, embora ninguém possa saber de quem é tal ideia; mas a ideia está diluída pela sua passagem através de desenhos, cálculos, prototipos e ferramentas. Tal passagem se dá tendo em vista o mercado das matérias primas, da energia, do consumo, da construção da máquina, das exigências do aparelho administrativo, e outras regras de sistemas complexos. Mas o que importa é a mutabilidade do modelo. Cálculos podem ser refeitos, desenhos melhorados, prototipos remodelados, e ferramentas substituídas por outras. Isto é: o modelo pode ser adaptado progressivamente às exigências dos diversos mercados e aparelhos. Pode ficar sempre mais "perfeito". Precisamente por essa flexibilidade do modelo a produção industrial veio a substituir o artesanato.

Quando se olha um sapato produzido industrialmente, não se vê que é resultado de um modelo transhumano. Que é produto de um processo que ultrapassa em sua complexidade a compreensão humana. A produção industrial é ela entre sistemas complexos, e é, ela própria, sistema complexo, e sobretudo seus modelos são manipulações complexas. Ninguém, (nem o proprietário da indústria, nem seu manager, nem os engenheiros, nem os designers, nem os economistas, nem muito menos os operários), podem abarcar a produção em todos os seus detalhes. A única forma de se dominar tal produção é a estratégia cibernética: controlar o input e o output, e ignorar o resto. O homem deixou de ser a medida do sapato industrialmente produzido.

Assim a diferença essencial entre a produção artesanal e industrial não é nem técnica nem econômica, mas antropológica: a revolução industrial teve por efeito um novo homem. Um homem que não mais visa reali-

4  
zar um ideal, mas manipular ideias. Um homem para o qual a meta não é mais mudar o mundo, mas mudar modelos. Porque o homem industrial não é sapateiro: é ferramenteiro. Por isto não visa fazer sapatos, mas modelos de sapatos. E por isto não almeja a "perfeição no sapato", mas modelos "progressivamente melhores" de sapatos. Muito embora o termo "progressivamente melhor" seja problemático em contexto no qual todos os modelos, inclusive o do "progresso" e do "bem", sejam manipuláveis.

Para o homem pré-industrial a origem dos modelos é impenetrável. De onde provém o modelo do sapato? Talvez do céu. Os modelos são para ele "míticos": o sapato ideal é forma divina. Para o homem industrial a origem dos modelos não é problema: é ele próprio quem os elabora. Em compensação os modelos são, para o homem pré-industrial, destinados ao homem: imperativos que chamam o homem. O sapato ideal é ideal para o homem quem o calça. Mas para o homem industrial os modelos não têm dimensão humana: o modelo progressivamente aperfeiçoado do sapato se destina a sistemas complexos, como o são mercados e aparelhos, e o "consumidor do sapato" é obrigado a adaptar-se ao sapato, "à moda". De modo que a revolução industrial era megalomaniaca não por ter demitificado os modelos, (ter "matado Deus"), mas por ter transhumanizado os modelos, (ter "deshumanizado os valores"). Eis a essência da sociedade industrial: seu gigantismo deshumano, sua des-mesura.

Tendo isto em mente, e observando a atual tendência rumo ao lilitupanismo, não é preciso mobilizar imaginação futurológica excessiva para saber como será a sociedade pos-industrial, a dos anões miniaturizados. Basta imaginar um instrumento do tamanho de uma caixa de cigarrros, destinado a trabalhar o couro, e munido de minúscula memória a qual contenha modelos de diversos sapatos, bolsas, cintos, capas e calças. Imaginar ainda que tal memória eletrônica permita a permutação dos modelos: por exemplo a fabricação de sapatos-bolsa ou de cintos-calça. Imaginar que tais instrumentos sejam de fácil manejo, de custo baixo, e universalmente acessíveis. Imaginar por fim um armário em todo porão, (como há atualmente um carro em toda garagem e uma TV em toda sala, armário esse que contenha toda uma série de instrumentos desse tipo: um para trabalhar tecido, outro para vidro, outro para metal e assim por diante. Quem tiver imaginado tal coisa, (a qual é desde já tecnicamente viável), terá imaginado a sociedade pos-industrial: a dos lilitupanos.

A produção pos-industrial será caseira: baseada sobre minúsculos contidos em minimemórias de mininstrumentos, e armazenados em armários no espaço privado do produtor-consumidor do produto. Terá pois caráter neolítico: a divisão do trabalho será ultrapassada, e todos produzirão, eles próprios, os produtos que consumirão em seguida. A vida será comparável à da aldeia neolítica: todos fabricarão

sua propria roupa, seu proprio automovel, sua propria máquina a escrever, seu proprio sapato. A casa individual será a unidade economica básica: adquirirã es materias primas necessàrias aos instrumentos miniaturizados, e também nôvos instrumentos, de mais em mais inteligentes, na medida na qua estes são inventados. Nada venderã, nem pedirã colaboração de quem quer que seja: a fonte energética necessària à produção estará incorporada, em forma miniaturizada, (por exemplo minipilha atomica), no proprio instrumento. Embora seja um pouco difficil imaginar o sistema economico de uma tal forma de produção, uma coisa é certa: o estereotipo da produção industrial será ultrapassado. Já que os circuitos eletronicos das mini-memorias permitem permutação, nenhum produto será igual a nenhum outro: tódo automovel, tóda cadeira, tódo cinzeiro, serão altamente individualizados. Os homens passarão seu tempo em atividade "criativa": brincarão no porão com mini-modélos para produzir obras originais.

No entanto haverã dois fatores que distinguirão a sociedade pos-industrial da neolitica, fatores que marcarão o futuro. O primeiro é que ninguém "trabalharã" no significado clàssico do termo, isto é: visará realizar um modélo. Apenas seguirã as instruções, (a soft-ware), que acolpanha o instrumento. Como não é "cozinhar" o gesto que esquentã lata de sopa de ervilha). O segundo fator distintivo da sociedade pos-industrial é que os modélos da produção não serão fornecidos pela mitologia, (como o é o caso da sociedade neolitica), mas por circuitos eletronicos impressos. São estes fatores, e não os problemas economicos, sociais, politicos etc. que caracterizam a tendência atual rumo ao muito pequeno.

Os programadores das mini-memorias, os que elaboram as instruções a serem seguidas, e os que criam os modélos da produção, são evidentemente os dirigentes da futura sociedade, (os filosofos da utopia platonica miniaturizada). Não serão nem artesões, nem designers industriais, nem ferramenteiros. O artisã está engajado na realização de uma ideia, o designer e ferramenteiro no elaboração de uma ideia. Mas o programador inventa ideias, as constroi a partir de dados elementares, atomares, de "bits". Seu interesse é formal, como o de um matemático ou logico, e ãs circuitos que elabora são como que formulas matematicas ou proposições linguisticas materializadas em chips. De maneira que o artisã está submisso aos modélos, o ferramenteiro e o designer estão ao nivel dos modélos, e o programador está no além dos modélos. E é esta transcendência dos modélos, a que os torna infimos e despreziveis, que caracterizarã a sociedade pos-industrial do futuro imediato.

Desde já podemos imaginar o clima existencial de tal sociedade: será a do jôgo. Os programadores brincarão com elementos para elaborar modélos, e os produtores-consumidores brincarão com modélos para fabricar objetos. O joguinho, o geitinho, a pequena esperteza: eis como funcionará a sociedade. A dos anões que são gigantes encolhidos por decepçoados.

-6-

A tese aqui defendida é que a crise da fé pela qual passamos não se manifesta por violenta "reavaliação de todos os valores", (como os séculos 19 acreditava que se manifestará), mas por rápido encolhimento de todos os valores, a ponto que dispõem a são visíveis apenas sob microscópio eletrônico. Os grandes homens, as grandes potências, as grandes visões as grandes obras, são coisas do passado, embora recente, e são coisas ridículas, porque coisas sem jeito. O que interessa agora são coisinhas pequenas, como energia atômica, planejamento familiar, seitas, e mini-carros porque são manejáveis por estratégias e estratégias, em soma: são planificáveis para metas limitadas. Estamos em crise, porque achamos ridículos os grandes projetos, mas ainda não aprendemos como viver enquanto anões.

Este ensaio escolheu, para ilustrar tal tese, o exemplo da revolução dos chips, portanto o campo da técnica. Outros campos teriam oferecido exemplos mais significativos. O limite imposto ao crescimento futuro no campo da economia. O limite imposto ao conhecimento no campo da ciência. O limite imposto à participação nas decisões no campo da política. Tais exemplos da repentina modéstia que nos caracteriza teriam sido mais perturbadores que o exemplo escolhido. Mas os instrumentos e as memórias miniaturizados têm a vantagem da concreticidade: ilustram quase fisicamente o quanto os nossos atos, as nossas ideias, os nossos ideais, estão ficando pequenos. E o quanto é anacrônica a admiração da grandeza.

A sociedade pos-industrial será cultura fundada sobre modelos elementares, pequenos, duros e indivisíveis como o são as partículas atômicas, sobre "proposições elementares". Será pois cultura combinatoria, de "mosaico". A teoria dos jogos, com suas estratégias, terá o papel preenchido pela dialética na cultura precedente. Será pois cultura de análise e síntese de sistemas. Mas como o que foi analisado jamais poderá ser totalmente re-sintetizado, como o pó analítico jamais voltará a ser a totalidade da experiência primitiva, a cultura do futuro será fantasmagórica, como o são desde já os infimos robots, esses precusores do pos-industrialismo. Será teatro de sombras malaio destinado a liliptanos.

A menos, por certo, que um vento violento vindo de fora, (por exemplo um tufão vindo do Pacífico), não disperse tais joguinhos, e não acabe com esse último avatar da cultura do Ocidente. Mas isto é lá outro problema que ultrapassa os limites muito precisos e previamente programados do presente ensaio.